

Entrevista M.L.P.

Revista - Nova Gente.
texto - Carlos Medeiros



6 a 12 de Fevereiro 1985.

P. P. I.

Telefs. 77 57 59 - 32 62 52 • Telex 12494



RECORTES CLASSIFICADOS

IMPrensa DIARIA

DIÁRIO DE NOTÍCIAS		DIÁRIO POPULAR	
CORREIO DA MANHÃ		DIÁRIO DE LISBOA	
O DIA		A CAPITAL	
O DIÁRIO		A TARDE	
O PRIMEIRO DE JANEIRO			
JORNAL DE NOTÍCIAS		NOVA SENTE	6 a 12/2/85
O COMÉRCIO DO PORTO			

CONTINENTE



Chuva em Açores

Inaugura-se o HOTEL

A SUCESSORA

ROBERTO zanga-se com MARINA

Fundação Cuidar o Futuro

FUTRE
"Quero ser campeão europeu"

Exclusivo

VICTORIA PRINCIPAL
O casamento de "Pam"

N.º 438 — SEMANAL DE 6 A 12 DE FEVEREIRO DE 1985
PREÇO: CONTINENTE 8000; MADEIRA 8500; AÇORES 8750

Poster

DEEP PURPLE
Os pais do "hard rock"
estão de volta

MARIA DE LURDES PINTASILGO
"Portugal pode apoiar
uma candidatura feminina"



DIARIO DE NOTICIAS		DIARIO POPULAR	
CORREIO DA MANHÃ		DIARIO DE LISBOA	
O DIA		A CAPITAL	
O DIARIO		A TARDE	
O PRIMEIRO DE JANEIRO			
JORNAL DE NOTICIAS		NOVA GENTE	6 a 12/2/85
O COMÉRCIO DO PORTO			



Fundação Cuidar o Futuro

Surge naturalmente a possibilidade de Maria de Lurdes Pintasilgo poder vir a entrar na corrida para Belém.

«Acho muito interessante o facto de aparecer o nome de uma mulher entre os candidatos apontados espontaneamente pelos inquiridos nas sondagens. E veja-se a composição das pessoas que indicam o seu apoio à minha eventual candidatura: só mais recentemente aparece uma ligeira diferença entre a percentagem de homens e mulheres; até então, todas as sondagens indicavam percentagens idênticas, o que é um fenómeno muito interessante. Os portugueses já experimentaram o tipo de trabalho que as mulheres podem realizar e conhecem a influência que isso pode ter na sua vida. Penso que a sociedade portuguesa está hoje em condições de apoiar uma candidatura de uma forma independente do sexo do candidato. Penso isso, quer pelo que observo através das sondagens, quer pela minha experiência como primeiro-ministro. Para além do mais, as pessoas têm a noção de quem foi uma Indira Gandhi, sabem quem é uma Margaret Thatcher, uma Geraldine Ferraro, sabem que há uma presidente da República na Islândia...»

As responsabilidades do cargo de presidente da República não são de modo nenhum desconhecidas de Maria de Lurdes Pintasilgo, uma vez que, como é público, a ex-primeiro-ministro desempenha actualmente funções de consultora do general Ramalho Eanes em Belém. É sobre esta actividade, que define como o seu emprego, que nos faia a seguir:

«O trabalho com o presidente da República tem várias facetas. Tem uma de contactos internacionais, e, desde o momento em que o presidente me chamou pa-

ra desempenhar esta função, foi sua expressão clara que fosse utilizado todo o capital de contactos, relações e amizades que tenho no plano internacional. Espero portanto que a minha actividade internacional anterior tenha servido para o presidente utilizar na altura própria, quer a experiência que ganhei, quer os novos contactos que estabeleci, quer muitas vezes um certo número de caminhos que no meu entender ficaram abertos.

«Mas esse trabalho tem tam-

Conversar com a engenheira Maria de Lurdes Pintasilgo, mesmo quando se tem como objectivo uma entrevista ligeira, é algo de aliciante: sem que se possa evitar, a certa altura a entrevista deriva para conversa amena, já esquecido o relógio e a inflexível agenda. A propósito de tudo e de nada, os valores ganham foros de entrevistados, e as ramificações de peso político que surgem a cada momento excluem de vez a possibilidade de fazer um trabalho «social». Na aparente secura das suas afirmações despidas de comentários que só brilhariam por inúteis, aqui fica o retrato humano e político de Maria de Lurdes Pintasilgo, ex-primeiro-ministro que poderá vir a ser, de acordo com as sondagens que são públicas, a próxima presidente da República Portuguesa

bem um aspecto profundo, e que eu entendo como a responsabilidade de seguir atentamente a evolução da vida portuguesa e de dar, sem que me seja necessariamente pedido que o faça, a minha opinião sobre questões mais importantes da vida nacional.

«A maior parte do tempo que consagro à minha actividade profissional é ocupada com o assunto que me está estritamente entregue: a tentativa de conseguir uma situação mais digna e historicamente mais correcta para o povo de Timor-Leste, em relação ao qual temos uma enorme responsabilidade. Essa é uma pedra de toque do meu trabalho com o presidente da República.

«Resumindo, a minha actividade de consultora traduz-se numa

atenção aos assuntos internos e externos, e na possibilidade de veicular para o presidente não uma informação factual, mas uma análise tão aprofundada quanto possível dos acontecimentos.»

O tempo escoça-se rapidamente, mas torna-se impossível não falar das realidades nacional e internacional, e, analisando-a mais de perto, da colocação de Maria de Lurdes Pintasilgo no espectro político-partidário, catalogação que evita, remetendo o problema para o nível superior, o nível onde se jogam os valores que determinam e fornecem o norte às actuações dos governantes (que já foi), e dos que objectivam a actuação dos governantes (o que, na essência, representa o cidadão comum).

«Prefiro enquadrar-me nos valores a procurar enquadrar-me nas categorias estabelecidas no nosso país, porque, ao longo destes dez anos, assistimos a um fenómeno de deriva de todos os grupos políticos, de forma que nenhum é aquilo que diz ser. Deliberadamente, quero evitar situar-me em termos de esquerda e de direita: não consigo enquadrar-me nessa clivagem abstracta da sociedade.

«Posso é definir-me por um primado da pessoa humana, por uma procura da justiça, da liberdade e da solidariedade, e por um carácter que é simultaneamente nacional, como uma busca dos nossos valores próprios e não das imitações fáceis do que outros países fizeram, ao mesmo tempo que caminha de par com a

«É preciso vencer a de

MARIA DE LURDES PINTASILGO



“Os verdadeiros dirigentes são aqueles que entendem a sociedade e a sentem pulsar, que sabem que ela tem sempre formas de se recompor, desde que não tenha mecanismos repressivos...”

A minha forma política de intervenção supõe não só novos valores como também formas diferentes de abordar os problemas.

«O que tenho verificado é a existência no nosso país de uma geração mais nova que tem uma noção, muitas vezes intuitiva, de que de facto é necessário colocar os problemas de outra maneira, e que fazê-lo há muitas possibilidades que de saçar a mente é importante colocar os problemas de uma forma mais próxima daquilo que todos pensamos. Não

tenho dúvida de que há pessoas que sabem que os problemas têm soluções que não são apenas antagónicas ou dialécticas. É preciso sair do esquema do antagonismo, ainda que isso apareça a alguns como confuso...

«Devemos equacionar os problemas não pontualmente, mas com a consciência de que as sociedades são corpos orgânicos, coisas vivas, e que tocar num ponto é tocar em todos ao mesmo tempo. Dai uma certa paralisia da sociedade, por uma ocupação excessiva do espaço político pelos partidos e pelo aparelho de Estado com todas as suas ramificações, que o ajudam a viver e respirar.

«Pode dizer-se que os verdadeiros dirigentes são aqueles que entendem a sociedade e a sentem pulsar, que sabem que a sociedade tem sempre formas de se recompor e de se auto-organizar, mas que para isso é necessário que ela não tenha mecanismos repressivos. Pedimos a protecção do Estado e fizemos que ele entrasse pela vida privada do indivíduo, alimentando a passividade e inibindo a criatividade. Há que pensar em termos de sistema, que as soluções se justapõem e não são únicas, que a sociedade se auto-organiza, mesmo que isso passe por algum conflito parcelar.

«Acredito que uma consciência desta natureza se pode implantar no nosso país, embora vencendo vários obstáculos, o maior dos quais é vencer a desilusão que se instalou em muitas pessoas e que as leva a lutarem unicamente pela sua sobrevivência, pensando só no hoje. Em outras camadas, esta passividade resultou um fenómeno de as pessoas se fecharem sobre si mesmas ou de se refugiarem num mundo ilusório...

«No entanto, eu vejo a sociedade portuguesa com imensas

silusão generalizada

consciência de que, ao resolver um problema nacional com ingredientes novos, estamos também a resolver uma parte dos problemas mundiais, e de que para a solução dos problemas nacionais precisamos de um capital cultural, científico e intelectual que faz parte do pensamento na sua universalidade e já não daquele que o pensou.

«Não estou enquadrada, em termos de forças políticas copartidárias: estou onde se possa contar com estes valores, e onde seja aceite a possibilidade de inovação para que eles se tornem presentes. Não estou numa atitude conservadora, nem só de status quo, nem só de verdades adquiridas. Acredito que o pensamento, como expressão da vida humana, está constantemente em evolução, a adquirir formas diversas, e por isso vejo-me mais como alguém que está fora do tabuleiro.

Considero-me como fazendo intervir valores que são comuns a muita gente, independentemente do que normalmente votam ou da sua posição face às forças políticas formalmente constituídas. A minha convicção é que, quanto mais aprofundamos os problemas a que a política tem de fazer face, mais nos apercebemos de que as soluções estão para além das tradicionais.

Conselho de Interação de ex-Chefes de Governo

Accionar a consciência do Poder

Um organismo internacional muito recente e de que a engenheira Maria de Lurdes Pintasilgo também faz parte é o Conselho de Interação de Ex-Chefes de Governo (CIECG), com 28 elementos, criado por Kurt Waldheim com a adesão de alguns dos maiores chefes mundiais.

«O CIECG é uma tentativa de continuar a assumir uma responsabilidade, que é sobretudo moral, de alertar aqueles que hoje estão no Poder para problemas que são comuns a um certo número de países e que os levam necessariamente a sentir-se solidários uns dos outros.

«O que há de curioso é que fazem parte dele dirigentes políticos de todos os blocos e de todas as raças. O que tem sido para mim particularmente significativo tem sido a pertinência dos problemas. Os dois principais problemas abordados pelo Conselho são o do desenvolvimento, no seu sentido mais global, e o problema da paz, e essa abordagem é feita de uma forma extremamente pragmática.

«Algumas vitórias do Conselho são o facto de hoje se pensar cada vez mais insistentemente na renegociação da dívida dos países pobres, e as demarches efectuadas pelos líderes das duas superpotências, para se encontrarem fisicamente, como resultou de um consenso do Conselho. Só o peso que têm na opinião pública mundial os membros do conselho pode dar força a gestos e sugestões tão concretas como estas.

«Um outro facto que me faz acreditar muito na eficácia do Conselho é verificar que os seus membros, homens de muita experiência e grande prestígio, têm, reunidos à volta de uma mesa e à porta fechada, o mesmo sentido da urgência e das oportunidades. A convergência de opiniões é espantosa! Quando nos colocamos ao nível do bem comum e da consciência forte do que são as necessidades da humanidade, é possível encontrar caminhos convergentes. Não há ideologias que separem as pessoas face a questões que têm a ver com a sobrevivência de uma grande maioria da humanidade.»

**MARIA DE LURDES
 PINTASILGO**



“O fenómeno político tem abafado a expressão do que é humano...”

expressões de criatividade, vejo um fenómeno espantoso na literatura, nas artes, nos ofícios... Quando um país tem um grupo tão grande de escritores e poetas, esse país está com uma grande riqueza cultural que eles se limitam a canalizar, a expressar. Nas artes, na música, na pintura, há muita gente a criar formas novas, mesmo com o cruzamento com outras culturas. É o retomar da nossa vocação universalista.

«Temos muita gente nova com um gosto por iniciativas que exprimem a nossa cultura, que se dedica à descoberta do folclore nacional, das raízes do sítio onde vive...»

«Parece-me que o fenómeno político, com os seus sobressaltos, tem abafado a expressão de tudo o que é humano. Basta ver o relevo que a Comunicação Social dá a pequenos acontecimentos políticos, quando é muito mais importante saber como vivemos, como vamos viver melhor, como nos vamos organizar para viver melhor, para contribuir para o bem-estar dos outros.»

«Nesse sentido, parece-nos que há um grande problema: a não dignificação do trabalho. Não temos sido capazes de dignificar os trabalhos, todos os tipos de trabalhos... Não somos capazes de dizer que é através do trabalho que pomos na história actos novos, que modificamos o ambiente em que vivemos e que vamos levar a sociedade a um estado em que a existência seja menos dura.»

«A nível internacional, penso que a prazo será inevitável a tomada de consciência no sentido

de abordar os problemas e as sociedades de novos ângulos. A situação da humanidade é de tal maneira grave que não pode bastar aos governantes tentarem manter-se no poder a todo o custo. Nem podem olhar apenas para os interesses do seu país. Têm necessariamente de equacionar os problemas mais vastos da humanidade, aqueles que lhes são afins, para travar o crescimento da fome, do analfabetismo, o endividamento dos países pobres.»

«Acredito com muita convicção nas forças sociais, culturais e morais da nossa sociedade. Acredito que há grupos que socialmente desenvolvem acções que têm objectivos idênticos, para além das fronteiras, e que esses grupos não podem continuar a ser marginalizados. Têm de passar a ser ouvidos naquilo que representam. Estou a pensar nos desastres industriais, por exemplo: o acidente de Bhopal, na Índia, levanta o problema do controlo que é efectuado sobre as empresas, e há conclusões para tirar. Quanto às forças morais, penso especialmente nas várias igrejas, e sobretudo na Igreja Católica. Os dirigentes seguirão muito mau caminho se não ouvirem também essas forças.»

No decurso do diálogo de que não podemos transcrever mais do que alguns excertos, torna-se evidente a forma como intervêm no discurso de Maria de Lurdes Pintasilgo duas formações, a priori contraditórias: a primeira, técnica e científica; a segunda, cristã e filosófica. Um novo pensamento técnico-filosófico?

«Não rejeito a minha formação técnica, antes pelo contrário. Se ela tem uma tradução na vida quotidiana (poderíamos chamá-lo engenharia social) é dizer que, para alcançar um fim, há que encontrar meios adequados. Isso supõe primeiro equacionar o

problema, fazendo intervir todos os seus dados, e em seguida, criativamente, experimentar até encontrar aquela que será a melhor solução. Aqui, a técnica pode ter um efeito redutor, mas é muito pragmática: é que não há uma solução única, e o que temos a fazer é escolher aquela que melhor se adequa aos fins, segundo uma série de critérios. É aqui que intervêm a consciência cristã. O primeiro critério é que tudo sirva o homem, nas suas aspirações, nos seus justos desejos, na sua segurança, e que, em todas as ocasiões em que isso é possível, se possa construir a solidariedade. Estes são os grandes critérios que me servem para aferir a justeza das soluções técnicas.»

Maria de Lurdes Pintasilgo: uma entrevista incompleta (nem se compreende que pudesse ser de outra forma), mas esclarecedora. Uma personalidade que os portugueses aprenderão a conhecer melhor; que talvez venha a ocupar Belém no próximo mandato presidencial; que recolhe, para a candidatura que ainda não formalizou, um grande entusiasmo internacional. Uma figura controversa no vórtice do turbilhão político português. Profeta da nova era, ela recolhe o maior prestígio internacional e o apoio do eleitorado. Por acaso? Deus não joga aos dados...

Texto: Carlos Madeira
 Fotos: Pedro Martins e Rui Renato

Do Instituto Superior Técnico às Nações Unidas

Maria de Lurdes Pintasilgo formou-se em Engenharia Química Industrial no Instituto Superior Técnico, em Lisboa, após o que desenvolveu um trabalho de investigação na Junta Nacional da Energia Nuclear, «para dar vazão a um grande interesse no campo das ideias e da investigação». Seguiram-se vários anos de trabalho na Companhia União Fabril, no departamento de investigação para a produção, que funcionava no Barreiro.

«Isto significou o partilhar de uma vida muito dura, de oito a dez horas de trabalho diário, e simultaneamente o aprofundamento de questões que dizem respeito ao significado económico da indústria, à maneira como as mulheres trabalhavam e as condições em que trabalhavam.»

Ao mesmo tempo, esteve sempre envolvida com cargos de responsabilidade, em trabalhos no quadro da Igreja Católica e do movimento católico. Seguiu-se um mandato de quatro anos na direcção do movimento católico internacional Graal, em que aprofundou os temas do desenvolvimento e da formação das mulheres para o desenvolvimento.

Em 1969, quando regressou ao país no fim do mandato no Graal, foi convidada por Marcello Caetano para o cargo de procuradora à Câmara Corporativa. Em 1970, iniciou, a convite dos ministros Sousa Pinto e Rebelo de Sousa, os trabalhos da Comissão Interministerial sobre a Política Social Relativa às Mulheres, que veio a transformar-se na Comissão da Condição Feminina.

Simultaneamente, teve sempre um percurso de fazer numerosas conferências, participar em ciclos de estudo, orientar reuniões e discussões, quase sempre no quadro da Igreja Católica, em organismos a que chama «católicos intelectuais».

Pertenceu aos três primeiros Governos Provisórios, sendo afastada em 11 de Março de 1975, o mesmo ano em que foi nomeada representante de Portugal junto da Unesco. Um ano depois, foi eleita para membro do Conselho Executivo pela generalidade dos embaixadores. Em Julho de 1979, foi indigitada para primeiro-ministro do V Governo Provisório.